

## RELATO DE EXPERIÊNCIA: OFICINA DE AUTORRETRATO ACESSÍVEL<sup>1</sup>

Ediane Gomes Maia  
Mariany de Sousa Sobrinho  
Ana Karina Morais de Lira<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência referente à realização da oficina de autorretrato, no âmbito da Semana de Inclusão e Acessibilidade da Universidade Federal do Ceará (SIA-UFC) que aconteceu de 3 a 8 de junho de 2013. O planejamento, organização e realização desta atividade foi uma experiência tão desafiadora quanto gratificante para a equipe envolvida, porque tínhamos que pensar em uma atividade que atendesse ao público alvo envolvido, pessoas surdas, e tivesse significado para os mesmos, por isso pensamos na oficina de autorretrato, pois a pessoa surda na falta da audição usa os demais sentidos, como por exemplo, a visão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inclusão; Acessibilidade; Oficina de autorretrato.

### ABSTRACT

The present work consists an experience related to the realization of the self-portrait workshop, under the Week of Inclusion and Accessibility ,of Federal University of Ceará (UFC-SIA) ,which happened in June 2013 ,3rd to 8th. The planning, organization and implementation of this activity was such a challenging and rewarding experience for the staff involved, because we would have to think of an activity that met the audience involved, deaf, and had meaning for them, so we thought the self-portrait workshop, because the lack of hearing in the deaf person wears the other senses, such as vision.

**KEYWORDS:** Inclusion ; Accessibility ; Self-portrait workshop .

---

<sup>1</sup> Programa Educação Inclusiva e Acessibilidade (NºPA00.2012.PG.0517).

<sup>2</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, atua nas áreas de Educação Matemática, Informática Educativa e Educação Especial, a partir da perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem Humana e também coordenadora do Programa Educação Inclusiva e Acessibilidade.

## 1. INTRODUÇÃO

O deficiente auditivo pode fazer uso de seus demais órgãos de sentidos em diversas situações, como na atividade de autorretrato. Foi proposto para eles que fizessem um desenho de seu rosto observando as características deles mesmos, fazendo uso da visão e construindo assim seu desenho. Segundo Figueirêdo (2011) as pessoas com essa deficiência têm interesse e gosto por desenhos, devido a dificuldades em leitura e interpretação de textos didáticos.

O ato de desenhar é definido, de acordo com Ferreira (1986), como a arte e a técnica de representar, com lápis, pincel, pena, etc., um tema real ou imaginário, expressando a forma e geralmente abordando a cor. E podemos mencionar ainda na concepção de Derdyk (1989) que aponta que ao desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções e ideias, são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se, não meramente copiar formas, figuras, bem como não é simplesmente proporção ou escala.

A partir dessas definições pudemos compreender o desenho como uma criação própria que envolve sentimentos ou objetos. O desenho de autorretrato, que foi desenvolvido durante a oficina por seus participantes, tomou como base o próprio rosto de cada um, tornando ele uma linguagem da arte e um instrumento de conhecimento do aluno, possuindo grande capacidade de abrangência e de expressão. De acordo com Silveira e Rodrigues (2012, p. 01) “[...] o desenho é fundamental para o ser humano, e desde criança ele é utilizado como uma forma de expressar-se”. Quando tornamos adultos muitas vezes deixamos de lado o desenho porque pensamos que é coisa de criança, mas na verdade o desenho nos acompanhar durante toda nossa vida.

A arte de desenhar acompanha o ser humano por toda sua história, isto é comprovado desde o período pré-histórico, quando os homens faziam seus desenhos nas pedras das cavernas, sendo reproduzido por grandes civilizações como o Egito, a Grécia e a Roma. E esses povos faziam uso da arte de diversas maneiras e modos, como por exemplo, na representação de deuses, rituais e posição social.

A partir do século XIV dá-se início aos períodos em que a arte é marcada pelos ideais de pinturas, como por exemplo no Renascimento, em que o interesse voltou-se para o estudo do homem e das ciências. Na arte Barroca no século XVII, vemos a predominância da emoção, temas religiosos e também uma tentativa angustiante de

conciliar forças antagônicas, como bem e mal, Deus e diabo. Mas é a partir do século XIX ,com o crescimento da técnica de reprodução de imagens, graças à Revolução Industrial, que surge uma nova tendência estética chamada Realismo, que se desenvolveu ao lado da crescente industrialização das sociedades. A partir disto, grandes artistas fizeram novo uso da arte em novas formas de desenhos, como por exemplo, os quadros de Jean-François Millet (1814 – 1875) que pintava a vida cotidiana demonstrando as injustiças de classes sociais da época.

No século XX, o Impressionismo foi um movimento artístico que revolucionou profundamente a pintura, pois consistia em reproduzir a impressão que as sensações visuais, submetidas às variações de luzes, despertavam no artista. Já o Expressionismo é a arte do instinto, trata-se de uma pintura dramática e subjetiva, “expressando” sentimentos humanos. O Surrealismo foi por excelência a corrente artística moderna da representação do irracional e do subconsciente, sendo este ainda bastante utilizado por diversos artistas no atual século XXI. De acordo com essa linha do tempo pode-se comprovar que a arte faz parte da história da humanidade.

A partir disto, buscamos na história da arte o que era desenho de autorretrato e alguns artistas que fizeram esse tipo de pintura. Encontramos que essa forma de desenhar ,segundo Silveira e Rodrigues (2012) ,é conhecida como um retrato ou imagem de si mesmo, feito pela própria pessoa. Dentre os diversos artistas que pintaram autorretratos destacamos, Vincent Van Gogh, que pintou-se em diversas de suas obras e nelas expressava seu rosto e seus sentimentos, inclusive fez um (Figura 1) mesmo após a fatalidade de ter cortado sua própria orelha.



**Figura 1** :Autorretrato do artista Vincent Van Gogh  
**Fonte:** <http://www.vangoghmuseum.nl/vgm/m>

A atividade de autorretrato é um momento de autorreflexão da nossa identidade. Esse tipo de pintura envolve vínculos de identidade profundos com nós mesmos, envolve os sentimentos, bem como a nossa criatividade, sendo esses indispensáveis para a construção do nosso autorretrato, é a partir dele que vamos perceber como estamos pensando sobre nossa identidade.

Como estávamos trabalhando em uma oficina para pessoas surdas, consideramos a compreensão sobre a identidade desses participantes dentro da nossa sociedade, pois nos indagamos como a pessoa surda é entendida pela mesma. Por isso realizamos um breve estudo bibliográfico a partir de textos produzidos que abordam o assunto.

### **A identidade do deficiente auditivo.**

A identidade da pessoa surda esteve historicamente estigmatizada, por serem considerados minoria social, pois lhes faltava uma característica eminentemente humana: a linguagem oral (SANTANA e BERGAMO, 2005). Sendo assim eles não faziam parte diretamente da sociedade em que vivíamos a interação entre eles e os ouvintes não eram em condições viáveis para ambas as partes, pois a língua de sinais era considerada apenas uma mímica gestual. Mas seria mesmo assim? Consideramos que na verdade não havia um esforço dessa sociedade para integrar os surdos a comunidade, pois os surdos se esforçavam para serem incluídos, afinal eles são igualmente humanos como todos.

Todos os seres humanos tem seus direitos garantidos através de leis que regem nosso país. De acordo com a Constituição Federal de 1988 no seu artigo 5º é ressaltado que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]” Na Constituição encontramos várias seções que asseguram os direitos fundamentais do ser humano, por exemplo, o direito a vida, a saúde, a educação e ao lazer, podendo assim o ser humano viver e gozar de plena abundância dentro da sociedade.

Ao falamos sobre a inclusão de pessoas surdas, ou seja, pessoa com deficiência, esses tem além da Constituição diversos documentos legais que lhes permitem acesso diretamente a nossa sociedade, como por exemplo, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008), que propõe a mudança de valores, atitudes e práticas educacionais para atender a todos. Como a escola é vista

dentro da sociedade como uma das maiores instituições de convívio social, é por ela que devemos começar a colocar em prática os direitos de todos.

A separação entre grupos humanos é produzida a partir de uma sociedade que faz distinção entre os mesmos, por exemplo, os surdos, por não terem uma linguagem articulada acabam perdendo espaço na sociedade geral e a partir disso reúnem-se em grupos entre eles mesmos, formando uma comunidade surda. Como a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ainda não estar totalmente difundida para todos, enfrentamos essa barreira de comunicação entre os ouvintes e os surdos. Esse fato pode ser explicado facilmente quando analisamos o processo histórico dessa língua, nos deparamos com três abordagens que foram de grande relevância para essa trajetória.

Primeiro, a educação de surdos é marcada pela concepção oralista. Para Gomes e Lira (2011, p. 228) nessa concepção “[...] o surdo é visto como um sujeito que carrega uma patologia (a deficiência auditiva) e, portanto, precisa receber intervenções que o reabilitem à normalidade de “ouvir” e “falar””. Nessa concepção foi negando totalmente a identidade da pessoa surda, o percebendo apenas como uma pessoa doente que necessitava de cuidados especiais.

Na segunda análise esta a concepção bilíngue. Nesta o surdo já deve adquirir a língua de sinais, porém apenas como primeira língua e dever ter como segunda língua oficial a de seu país de origem. Podemos reconhecer que nessa concepção a pessoa surda não está mais em condição de deficiente como na primeira concepção, sendo assim este começa a ter sua identidade definida dentro da sociedade.

Na terceira análise encontramos decisões que foram tomadas ao longo dos anos, essas decisões acarretaram algumas perdas, como a de 1880 que no 2º Congresso Internacional de Educadores de Surdos foi determinado que “[...] as escolas para surdos fossem proibidas oficialmente de utilizar a língua de sinais” (GOMES e LIRA, 2011, p. 228). E outras foram de grandes vitórias para a comunidade surda, como a criação de uma Federação Mundial de Surdos (WFD) em 1915, o reconhecimento da língua de sinais em 1971 e a UNESCO em 1984 declarou a língua de sinais como um sistema linguístico legítimo. No Brasil a Lei Federal nº 10.436, publicada em 24 de abril de 2002, reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua oficial da comunidade de surdos no país (BRASIL, 2002).

Com essa análise constatamos que devido às primeiras iniciativas estarem desvinculadas da língua de sinais a pessoa surda acabou sendo obrigada a seguir um

padrão que a sociedade lhes colocou, como ser oralizado, com isso a força desse movimento foi pressionado e perdeu forças. Mas a partir das lutas dessa comunidade, que foram de grande valia para os mesmos, pois conquistaram o que era melhor para eles, a língua de sinais se tornou sua principal identidade, inclusive no Brasil, com a Libras sendo oficial.

Diante do que foi exposto entendemos que identidade da pessoa surda estar fortemente vinculada a linguagem de sinais, por isso para a oficina de autorretrato acontecer pedimos o apoio de uma intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras), pois sem a mesma seria bem dificultoso a comunicação entre as partes envolvidas, além de que haveria um retrocesso dentro da comunidade surda e da sociedade.

A seguir apresentamos a experiência da oficina de autorretrato acessível, apresentando seus objetivos, metodologia, realização e seus resultados obtidos. Nossas conclusões serão feitas a partir da experiência vivenciada por nós durante a oficina e também com base na nossa pesquisa bibliográfica.

## **2. OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral**

Realizar uma oficina na qual os participantes façam um autorretrato de si mesmo, observando as características de seu rosto.

### **Objetivos Específicos**

- Fazer autorretrato, com desenho e pintura.
- Conhecer autorretratos feitos por diferentes artistas em diferentes épocas e com diferentes modos de realização.
- Estimular a criatividade de cada participante.
- Promover um momento de descontração e ludicidade.
- Desenvolver uma reflexão sobre a identidade.

### 3. METODOLOGIA

A atividade foi pensada de maneira que os participantes pudessem ter um momento de lazer e aprendizagem, bem como um espaço de reflexão sobre sua identidade, tentando fazer com que estes desconstruíssem os modelos de imagem impostos pela sociedade e reconstruíssem seu autorretrato. Os participantes foram divididos em dois grupos, e os materiais entregues para cada grupo. Os materiais necessários para a realização da oficina foram: dez potes de tinta guache de 250ml, nas cores amarelo, azul, vermelho, preto e branco; quatro folhas de papel madeira; copos de plástico e pedaços de retalhos. Esta oficina teve carga horária correspondente a quatro horas/aula, aconteceu em junho de 2013 no prédio do Núcleo de Pesquisas Regionais (NUPER) localizado na Faculdade de Educação (FACED) no campus do Benfica da UFC. A oficina de autorretrato esteve voltada para pessoas surdas residentes na cidade de Fortaleza.

#### A experiência

A atividade contou com a participação de quatorze alunos do Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES) e dois do Instituto Fillipo Smaldome, com idades entre 15 e 20 anos, sendo onze homens e cinco mulheres.

A realização da oficina começou com a apresentação da ministrante professora da área de arte-educação, da equipe organizadora e dos participantes. Cada um dizia seu nome e mostrava seu sinal, as apresentações foram acompanhadas por uma intérprete de Libras. Logo após a professora deu início a uma apresentação de *slides* com exemplos de autorretratos feitos por artistas famosos, como Vincent Van Gogh e Leonardo da Vinci, com os quais os participantes da oficina podiam usar como base para seu autorretrato, em seguida a ministrante deu uma explicação teórica sobre como os participantes deveriam proceder para fazer o desenho de seu rosto.

O total de participantes foi de dezesseis pessoas, estes foram distribuídos em dois grupos, um em cada mesa e entregue para cada um uma folha, um lápis e uma borracha. Em cada grupo foi colocado um pote de cada cor de tinta e pinceis.

As imagens a seguir foram retiradas durante a oficina. Na foto 1, temos o momento em que foram feitas as apresentações da ministrante, da equipe organizadora e dos participantes. Na foto 2, vemos a continuidade do evento com a demonstração em

*slides* de artistas famosos que desenharam seu autorretrato e a partir disto a professora deu uma explicação sobre os mesmos. Na foto 3, a professora no quadro branco realizou uma explicação teórica de como fazer o desenho e o grupo um. Na foto 4, grupo dois no momento da construção do desenho.



**Fotos 1 e 2:** Apresentações e demonstração de slides.



**Fotos 3 e 4:** Explicação teórica e momento da construção do desenho.  
**Fonte:** Registros da SIA/UFC 2013.

## Parcerias

A oficina de autorretrato foi realizada pelo Programa Educação Inclusiva e Acessibilidade durante a Semana de Inclusão e Acessibilidade da Universidade Federal do Ceará (SIA/UFC) vinculado a Secretaria de Acessibilidade UFC Inlui, ambos da Universidade Federal do Ceará. A oficina foi ministrada pela professora Luciane Germano Golberg, Graduada em Educação Artística (1999), Mestre em Educação Ambiental (2004), ambos pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Doutoranda em Educação Brasileira Professora Assistente - Departamento de Teoria e Prática de Ensino - Faculdade de Educação e, ambos na Universidade Federal do Ceará.

A atividade teve como equipe de apoio as alunas Ediane Gomes Maia, graduanda em Pedagogia e Mariany de Sousa Sobrinho, graduanda em Letras-Português, ambas bolsistas do Programa Educação Inclusiva e Acessibilidade e os bolsistas do Serviço de Digitalização do Sistema de Biblioteca e da Secretária de Acessibilidade da UFC. Contou com a presença do Instituto Cearense de Educação de Surdos (ICES) e do Instituto Fillipo Smaldome, o qual organizou a participação de seus alunos.

#### 4. RESULTADOS

A realização dessa atividade teve grande relevância para ambas as partes envolvidas, percebemos que todos os presentes tiveram uma experiência diferente, pois a professora nunca tinha dito experiência com pessoas com deficiência, no caso pessoas surdas e os alunos participantes nunca tiveram desenhado seu autorretrato.

Constatamos que quando a proposta da oficina foi lançada aos participantes, tivemos algumas objeções por parte de alguns, observamos dois pontos que a principio seriam grandes dificuldades, mas a professora conseguiu desconstruir essas ideias, a saber: a) o quanto é difícil fazer seu autorretrato, pois existem preconceitos impostos pela sociedade em que vivemos e por muitas vezes acabamos por nos deixar levar por pré-conceitos, não sendo nós mesmos, mas sim o que a sociedade dita; b) os participantes tiveram certa rejeição ao desenhar e pintar, pois muitos afirmaram, “Eu não sei desenhar!”, podemos fazer relação, mais uma vez, com o modelo que a sociedade nós impõe, pois quando somos crianças pintamos o que queremos e como queremos sem se perceber se ficará feio ou bonito, já quando nos tornamos “adultos” absorvemos o conceito de “belo” e “feio” que a sociedade repassa por gerações. Ao fim da atividade, todos os participantes desenharam seu autorretrato, ainda que alguns tenham mencionado dificuldades, como por exemplo, nunca tinham desenhado seu autorretrato e não sabiam desenhar.

As imagens a seguir apresentam alguns dos resultados obtidos ao final da oficina. Na Foto 5, vemos o desenho final do autorretrato de um aluno do ICES e na Foto 6, reunimos todo o grupo para a foto final.



**Fotos 5 e 6 :** Deseho final e Foto do Grupo.  
**Fonte:** Registros da SIA/UFC 2013

## 5. CONCLUSÕES

A atividade de desenho de autorretrato foi no primeiro momento algo estranho para os alunos surdos que estavam participando, isso foi percebido pela fala dos mesmos, em dizer que não sabiam desenhar. Em uma breve análise da ministrante no seu depoimento, após a atividade, ela vislumbra a possibilidade desse estranhamento estar ligado ao fato de que durante o processo de desenvolvimento desses alunos, ou seja, na infância eles não teriam tido experiências com atividades artísticas de desenhar, seria também uma falha das instituições de ensino. Em nossa análise concordamos com a ministrante, mas também acrescentamos o fato de ser um público, de acordo com Piaget em idade da fase operacional formal, onde seus interesses voltam-se apenas para o que lhes interessa realmente.

Durante a realização da oficina, contamos com a ajuda de uma intérprete de Libras. Como o público alvo eram pessoas surdas e estes tem sua identidade bem definida com a língua de sinais, não poderíamos em hipótese alguma realizar esse evento sem que esse profissional estivesse presente, pois este que promove a interação entre os ouvintes e os surdos. A ministrante ressalta bem em seu depoimento o importante papel do intérprete, afirmando que não saberia como iria mediar a oficina sem ajuda do mesmo.

Diante do que foi exposto no decorrer deste trabalho concluímos que o objetivo da oficina foi alcançado, pois todos desenharam seu autorretrato. As dificuldades foram superadas, em relação às resistências iniciais dos participantes e ao fim foi notória a satisfação de todos por terem feito seu autorretrato e participado da atividade.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**: Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais n<sup>os</sup> 1/92 a 67/2010 e pelas Emendas Constitucionais n<sup>os</sup> 1 a 6/94, - Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de edições Técnicas, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política de Nacional de Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva**. MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Libras, e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Poder Executivo. Brasília, DF, 25 abr 2002.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho**. São Paulo: Scipione, 1989.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FIQUEIRÊDO, M. L. S. Comunicação Visual no Ensino da História. *In*: GOMES, Gerarda Neiva Cardins e NASCIMENTO, Juliana de Brito Marques (Org.) **Experiências Exitosas em Educação Bilíngue para Surdos**. Fortaleza: SEDUC, 2011. p. 327-334.

FREIRE, F. G. C. e ANDRADE, L. V. Tato: uma forma diferente de sentir. *In*: GOMES, Gerarda Neiva Cardins e NASCIMENTO, Juliana de Brito Marques (Org.) **Experiências Exitosas em Educação Bilíngue para Surdos**. Fortaleza: SEDUC, 2011. p. 307-310.

GOMES, G. N. C. e LIRA, A. K. M. Formas de Expressão Escrita Usadas por Alunos Surdos em Ambiente Virtual ed Aprendizagem. *In*: GOMES, Gerarda Neiva Cardins .

NASCIMENTO, Juliana de Brito Marques (Org.) **Experiências Exitosas em Educação Bilíngue para Surdos**. Fortaleza: SEDUC, 2011. p. 327-334.

SANTANA, A. P. e BERGAMO, A. Cultura e Identidade Surdas: Encruzilhada de Lutas Sociais e Teóricas. **Revista Educação Social**. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 18 de setembro de 2013.

SILVEIRA G.; RODRIGUES M. N. **Identidade e Autorretrato**. Anais do IV Simpósio sobre Formação de Professores (SIMFOP). Universidade do Sul de Santa Catarina, Campus de Tubarão. Tubarão, de 7 a 11 de maio de 2012. Disponível em: <[http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/simfop/artigos\\_IV%20sfp/\\_Grei ce\\_Silveira.pdf](http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/simfop/artigos_IV%20sfp/_Grei%20ce_Silveira.pdf)> Acesso em 31 de Julho de 2013.